



O TRABALHO ALIENADO EM A METAMORFOSE DE FRANZ KAFKA
ALIENATED WORK IN FRANZ KAFKA'S METAMORPHOSIS

Thales do Rosário de Oliveira¹

Recebido em: 12 jul. 2020.

Aceito em: 24 nov. 2020.

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i1.32525

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo a análise de um aspecto específico da obra *A metamorfose* de Franz Kafka que é a utilização do recurso de uma narrativa fantástica que é a transformação do personagem Gregor Samsa em um monstruoso inseto em favor do realismo. Nesse caso, o mundo do trabalho alienado, onde a obra nos levará a uma profunda reflexão sobre a alienação, a produtividade e a incapacidade de produção e de consumo e como isso interfere na significação da vida humana no mundo que estava sendo desenhado naquele início de século XX.

Palavra-chave: Trabalho. Alienação. Franz Kafka. *A Metamorfose*.

ABSTRACT: The present work aims to analyze a specific aspect of the work *The Metamorphosis* by Franz Kafka, which is the use of a fantastic narrative that is the transformation of the character Gregor Samsa into a monstrous insect, in favor of realism. In this case, the world of alienated work, where the work will lead us to a deep reflection on alienation, productivity and the inability of production and consumption and how it interferes with the meaning of human life in the world that was being designed at the beginning of the 20th century.

Keywords: Job. Alienation. Franz Kafka. *The Metamorphosis*.

INTRODUÇÃO

Esta produção é fruto de estudos feitos a partir da disciplina de pós – graduação do Instituto de letras da Universidade de Brasília (UnB) nomeada de “Realismo e suas atualidades”. Esse trabalho busca implicar duas reflexões. A primeira delas é a compreensão do

¹ Professor da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e Mestrando em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: profess.thales@hotmail.com



uso dos recursos de uma narrativa fantástica para a exposição do realismo dentro da obra literária, e conseqüentemente a isso compreender como Kafka usa essa narrativa para colocar uma crítica ao trabalho alienado em sua obra e isso influenciado pela sua observação do mundo em que vivia onde no começo do século XX, quando teve a oportunidade de acompanhar a ascensão do mundo capitalista e o processo de alienação das forças de trabalho.

A transformação de Gregor Samsa em um monstruoso inseto que já leva o leitor da obra de Kafka sem mais delongas à culminação de sua obra logo nas primeiras linhas, não é de modo algum o aspecto mais importante de sua obra, pois a intenção de Kafka aqui é usar da ficção para nos levar a debates que são muito mais profundos. Entre eles estão o trabalho alienado, a importância social da produtividade, o consumo, a impossibilidade do trabalho, a impossibilidade do consumo, a indiferença social, a morte. Elementos e discussões que ainda continuam fazendo parte do nosso cotidiano mesmo depois de um século e com uma condição social e histórica completamente diferente, algo que faz da literatura de Kafka altamente filosófico e existencial.

Da ficção ao real

Logo nas primeiras linhas de sua novela, Kafka já leva o leitor ao anticlímax tão presente em suas obras:

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado em um inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido por nervuras arqueadas, no topo do qual a coberta, prestes a deslizar de vez, ainda mal se sustinha. Suas numerosas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o volume do resto do corpo, tremulavam desamparadas diante dos seus olhos”.²

É uma forte característica na estética kafkiana iniciar suas obras de forma impactante e não fazer muitos rodeios para levar o leitor ao clímax e o manter sempre preso. Em *A metamorfose*, logo nos primeiros momentos, podemos observar essa característica tão presente nas obras de Kafka, uma vez que Gregor Samsa ao acordar e se deparar preso ao corpo de um

² KAFKA, F. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. 13.ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.



inseto, estamos diante não apenas de um recurso literário, mas sim diante do instrumento pelo qual Kafka eleva a símbolo estético a essência de um período histórico.

De certa forma Kafka já conseguia observar o esvaziamento de sentido e as ruínas deixadas pelas ilusões humanistas da etapa revolucionária da burguesia. Entre essas ilusões destaca-se a crença na plena expansão e realização da individualidade dos quadros da sociedade aberta que o capitalismo parecia anunciar.

Não é à toa que conseguimos ver Kafka como um autor que de certa forma antecipa muito do que estava por vir, pois a época da qual se ocupa Kafka, já não tolera a esperança de fuga subjetiva, o homem já não pode contornar, ainda que ilusória ou transitoriamente, o fetichismo³ dissolutor que o atinge por toda parte, até no mais recôndito de sua vida privada, no seu quarto de dormir como em *A metamorfose*.

Podemos ver essas transformações do mundo da narrativa do autor se encontrando com as transformações ocorridas no ser social do capitalismo, pois como próprio Karl Marx já havia observado: “O capitalismo retira do trabalhador não apenas o produto do seu trabalho, mas também a capacidade de formular a finalidade do mesmo”.⁴ Assim então entramos no universo melancólico de Gregor Samsa, onde uma vez que ele se observa metamorfoseado em um inseto monstruoso ele perde a capacidade de fazer aquilo que no seu universo o faria feliz que é a capacidade de trabalhar e produzir, ser o provedor de sua família.

Gregor agora se encontra em situação onde ele não pode mais trabalhar, logo, perde seu valor. Isso demonstra a posição do indivíduo na divisão do trabalho, fazendo do capitalismo a primeira sociedade verdadeiramente social. Marx e Engels descreveram esse fenômeno com grande clareza:

³ Termo criado, por volta de 1750, a partir da palavra fetiche (derivada do português feitiço: sortilégio, artifício), retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet (1857-1911) e, mais tarde, retomado pelos fundadores da sexologia, para designar quer uma atitude da vida sexual normal, que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro, quer uma perversão sexual (ou fetichismo patológico), caracterizada pelo fato de uma das partes do corpo (pé, boca, seio, cabelos) ou objetos relacionados com o corpo (sapatos, chapéus, tecidos etc.) serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato sexuais. Já em 1905, Sigmund Freud atualizou o termo, primeiro para designar uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de uma parte do corpo ou um objeto serem escolhidos como substitutos de uma pessoa, depois para definir uma escolha perversa, em virtude da qual o objeto amoroso (partes do corpo ou objetos relacionados com o corpo) funciona para o sujeito como substituto de um falo atribuído à mulher, e cuja ausência é recusada por uma renegação. (Roudinesco, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahar, 1998)

⁴ MARX, K. **O capital** - Crítica da economia política. v. 1, t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 306p.



“A diferença entre o indivíduo pessoal e o indivíduo como membro pertencente a uma classe, a causalidade das condições de vida para o indivíduo, verifica-se apenas com o aparecimento da classe, que é por sua vez um produto da burguesia”⁵

A partir do momento que o capitalismo se vale da alienação do trabalho, contamos também com toda a importância de uma existência nesse trabalho, ao ponto de observar que aquele que antes trabalhava e era visto com admiração, hoje é um peso e ninguém mais suporta sua presença, nem mesmo sua família. Isso fica evidente no abandono de sua irmã, que antes o apoiava e a partir do momento que se instala a desesperança na volta ao estado normal de Gregor, também se volta contra ele e assim como seu pai já fazia, torcia logo pela morte do agora inseto Gregor Samsa, criando-se assim uma situação contraditória onde a família parasitaria quer se livrar de Gregor, o parasita.

Podemos a partir desta situação observar e debater sobre como a utilidade do trabalho vinha se desenhando na perspectiva do mundo observado por Kafka, pois estamos diante de uma realidade histórica onde o consumo é cada vez mais “racionalizável” e o consumidor por sua vez se torna cada vez mais manipulável, coagido a consumir o que é prescrito pelos monopólios, quase como uma receita para uma vida feliz e cheia de significados.

Dentro desta nova realidade de consumismo, observa-se que o trabalho perde em sua essência e se transforma em algo mecânico, do qual a única utilidade é o consumo, e a possibilidade de não consumo é a realidade na qual o trabalho se esvazia de sentido e a vida torna-se irrelevante. A função social que se ocupa se torna mais relevante do que a própria pessoa enquanto indivíduo que ocupa determinados cargos, e o privilégio social limita-se a potencialidade de consumir. Assim observamos que o capitalismo de monopólio torna o trabalho de algo belo, que faz do ser humano capaz de intervir na natureza a seu favor e fornece dignidade, se torna algo vulgar e que torna a vida como um todo em algo banal, resumido ao ir no mercado comprar algo. Referindo-se a essa situação observa Lukács (1956):

“O imperialismo representa um aumento do endurecimento do ambiente, a expansão da potência do capital monopolista sobre todos os âmbitos da vida, o domínio dos menores movimentos através de um controle de tipo fascista [...]. O homem percebe, na própria existência, a pressão e a coação das

⁵ MARX, K. A questão judaica. In. MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2014.



categorias sociais de um modo mais duro e mais duro e doloroso do que em todas as formas anteriores de sociedade”⁶

O capitalismo na obra de Franz Kafka

Para ter um bom entendimento da obra de Kafka é importante compreender seu período histórico, aliás, algo importante para compreender qualquer autor uma vez que toda obra de arte reflete a realidade vivida pelo seu criador. Ao olharmos então para a época histórica, observamos que Kafka vivencia a passagem do capitalismo liberal para o capitalismo do monopólio, e justamente durante esse processo de mudança é que o capitalismo sente a necessidade de deixar de lado sua origem revolucionária e se render a certo “tradicionalismo”. Evidentemente motivado pela sua própria sobrevivência é que a partir de agora seu único interesse é a manutenção do poder adquirido, como o faz até os dias atuais, e evidentemente como todo realista Kafka dá forma a este processo. Muito ligado a esse processo de mudança que Kafka vê acontecer que podemos dizer sobre o caráter “antecipador” ou até “profético” de sua obra, isso porque aquilo que lhe provocava angústia ainda estava longe de alcançar seu ponto culminante.

Ao falarmos de condições históricas e sociais é importante observar onde estava Kafka no mundo e qual a sua visão a partir daí para tudo que estava acontecendo e o que ainda teria por vir. Kafka vivia uma condição de judeu germanófono súdito do império Austro – Húngaro, uma situação que evidentemente apresenta uma contradição, uma vez que o império Austro – Húngaro estava longe de ser uma nação desenvolvida do ponto de vista capitalista, pois para o desenvolvimento capitalista seguiu-se uma “via prussiana” ou seja, esse desenvolvimento se consolidou com as velhas instituições feudais. Essa transição do império Austro – Húngaro não faz com que o novo substitua o velho, mas mantendo a sua forma empresta-lhes novos conteúdos. Em particular com a conservação do já então caduco aparato burocrático ligado à monarquia centralizada. Pouco a pouco essa prática foi ganhando nova roupagem até a chegada da industrialização, que venho de maneira tardia e forçada. A cidade de Praga então fica famosa pela sua burocracia, e tem de conviver com a contradição de ter no mesmo espaço o espírito moderno e o espírito medieval. Também cabe ressaltar que é justamente nesse contexto do

⁶ G. Lukács, *Thomas Mann e la tragedia dell'arte moderna*, Milão, Feltrinelli, 1956, p.117.



império Austro – Húngaro que se formam as mais lúcidas expressões do marxismo na época e é também este o solo originário do pensamento do próprio Lukács (1956).

Gregor Samsa experimenta o poder esmagador dessa necessidade social objetiva. Em plena época em que o capitalismo de monopólio impulsiona um consumo desenfreado, Kafka fala sobre um ser humano que se torna inútil, um peso para sua família, de uma melancolia profunda certamente pela sua incapacidade de produção. Não é à toa que ao longo de sua novela todos os problemas que implicam Gregor seriam pelo peso que ele se torna, pela inutilidade do ser causado pela incapacidade de produzir que automaticamente leva à impossibilidade de consumir. Utilizando um termo de Albert Camus, Gregor se transforma em um estrangeiro dentro de sua própria realidade.

O problema que Kafka busca evocar em sua obra poderia ser resumido: como o homem desprovido de qualquer impulso no sentido de uma auto fruição verdadeiramente humana da própria personalidade é muito distante de ser um inconformista. Assim sendo o realismo proposto por Kafka é a de todo realista significativo que seria a ideia de partir de uma singularidade do ponto de vista pessoal, nacional e até cultural, percorrendo uma trilha para chegar ao ponto de pluralidade que visa à universalidade do mundo e a realidade de todos os indivíduos que compartilham consigo o mesmo período histórico.

A metamorfose se torna então uma obra que proporciona um trágico choque com uma realidade alienada, trazendo à tona todo o esvaziamento de sentido que o capitalismo do monopólio proporciona à realidade do trabalho, assim como a lógica da dinâmica da vida social como um todo. O mundo moderno resume-se então em uma premissa simplista de “ter para ser”, onde as coisas materiais acumuladas pelas forças do capital é o que de certa forma dão algum tipo de sentido para a totalidade da existência humana, criando então um problema social gravíssimo que é a insignificância daquele que não tem poder de consumo necessário dentro de uma lógica capitalista. Esses acabam ganhando um ar sombrio de invisibilidade.

Outro problema que a obra nos traz em forma de crítica social do mundo em que Kafka está vivendo é a precariedade da segurança, pois estamos diante de um mundo do qual viver em segurança se torna sinônimo de se tornar um conformista, um indivíduo padronizado, que não se desvia das normas impostas por um coletivo fetichizado, algo que por si só já é causa de diversos problemas sociais em nossa atualidade. Percebemos que o mundo de Gregor Samsa



não se diferencia do nosso em meados do século XXI, fazendo deste debate algo constantemente atual.

Neste mundo fetichizado onde por uma questão de segurança precisamos na maior parte do tempo estar travestidos em algum personagem socialmente aceito e deixando de lado nossa individualidade, notamos que os poderes sociais do trabalho alienado irrompem no quarto de dormir de Gregor Samsa, destruindo inteiramente sua possibilidade de continuar a exercer seu papel na divisão social do trabalho. É justamente nessa hora que paramos para refletir, será que o sofrimento de Gregor existiria sem a obrigação social que existe no mundo capitalista onde o consumo gerado pelo fruto do trabalho justifica toda a complexidade da existência humana?

Nem sequer a fantástica construção do ser humano animal kafkiano é capaz de proporcionar essa segurança, uma vez que a metamorfose de Gregor Samsa é uma representação do ser humano que se torna inútil e improdutivo, ou seja, o uso do fantástico como representação do mundo burguês. O foco da obra aqui não é a narrativa fantástica do ser humano que se transforma em um inseto e sim toda a implicação social por trás desta simbologia onde o centro de toda a problemática é a relação ser humano com o trabalho. Naquele momento histórico as relações de trabalho estavam mudando completamente o mundo, e todas essas mudanças acabam sendo expostas por meio da condição de inseto de Gregor Samsa que traz consigo toda a melancolia do personagem frente a sua inutilidade produtiva.

Kafka consegue muito bem usar o fantástico a favor do realismo e isso é uma característica formal determinante em seu “mundo”, assim ele consegue criar uma forma estética capaz de evidenciar de modo imediato e extraordinariamente sugestivo a sua real natureza de forças obscuras e irracionais contrárias ao humano. Não iremos aqui explicar de forma detalhada as múltiplas manifestações do fantástico na literatura moderna, apenas diferenciar o mundo Kafkiano daquilo que seria o fantástico não – realista, que ao contrário, dissolve a realidade e sua essência mediante a um jogo de fantasia subjetiva.

CONCLUSÃO

Kafka figura essa inconsciência do homem médio como fruto de uma constelação histórico-social concreta. Não somente Gregor, mas os demais personagens kafkianos não conseguem ir além dos limites impostos pela divisão alienada do trabalho e conseqüentemente



de estruturação hierárquica da sociedade. Isso fica evidente quando observamos que em *A metamorfose*, que o desejo de Gregor Samsa metamorfoseado é de retornar à condição humana a fim de poder reassumir suas anteriores funções alienadas. No sentido lukacsiano da tipicidade da estética é isso que torna os heróis de Kafka expressões típicas.

Os relatos das quais se expressam as obras kafkianas se mostram como crítica concreta de uma realidade histórico – social concretamente determinada. Isso fica muito evidente diante da sua resignação diante daquilo que ele chamaria de “lógica inabalável”, que seria dizer de forma clara que o indivíduo isolado não consegue triunfar na luta contra a alienação. Diante de uma realidade social da qual nós, através da socialização primária, acabamos nos adaptando ao meio social no qual nascemos ainda sem entender bem a lógica do seu funcionamento e aprendemos conceitos como certo ou errado na maioria das vezes sem poder questionar a validade dessas premissas, nos flagramos numa realidade de fato onde tomamos conhecimento da nossa própria existência quando ela já acontece de uma forma alienada, e o trabalho de emancipação dessa realidade alienada onde existem verdades absolutas e respostas prontas pra vida de todos de forma igualitária.

Gregor Samsa antes de se transformar no incomodo inseto dedicava sua vida à família, sendo o provedor em uma atividade de trabalho alienada, para o conforto de sua família parasitária, consumindo-lhe não somente suas forças, mas também o seu direito de existir. *A metamorfose* de Gregor é apenas um recurso extremo de plasticidade e impacto, o que não retira da obra a sua objetivação estética autenticamente realista.

Temos assim, portanto, que o mais característico do mundo kafkiano, aquilo que faz do escritor tcheco um precursor do realismo próprio do século XX, é o problema da irrupção do fetichismo e da manipulação da vida privada de homens médios, “enquadrados” e passivos.

REFERÊNCIAS:

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro. Zahar, 1983.

KAFKA, F. **A metamorfose**. Tradução de Modesto Carone. 13.ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.

LUKÁCS, G. **Thomas Mann e la tragedia dell’arte moderna**. Milão, Feltrinelli, 1956, p.117.

MARX, K. **O capital** - Crítica da economia política. v. 1, t. 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 306p.



MARX, K. A questão judaica. In: MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro. Zahar, 1998.